

## **A MATERIALIZAÇÃO DO ÓDIO EM CORPOS MASSACRADOS: uma contribuição geográfica das práticas criminosas contra LGBTI+ no nordeste brasileiro**

**Wilians Ventura Ferreira Souza**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

### **RESUMO**

*Este artigo é o resultado de um esforço coletivo e de uma ambição contida no âmago dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais que lutam pela liberdade de seus corpos e vidas no Brasil atual. Evidenciar a violência contra a população LGBTI+ no nordeste brasileiro é um dos objetivos principais deste trabalho, isso será feito a partir do tratamento estatístico e cartográfico de dois dados: 1) violação dos direitos humanos (Disque 100) 2) Homicídios de LGBTI+ no Brasil (GGB). As interseccionalidades presentes nos crimes de ódio cometidos contra a população LGBTQI+ é um ponto importante de reflexão e diagnóstico, havendo, sobretudo, uma relação muito próxima com o local do assassinato, com a arma utilizada no crime de ódio, com a profissão desempenhada pelas vítimas. Em suma, as travestis são vitimadas em via pública e em territórios de prostituição, na maioria das vezes por armas de fogo, evidenciando um processo ainda maior de marginalização e estigma. Logo, os aspectos de raça, cor, condições socioeconômicas e socioculturais formam um conjunto de elementos que atenuam a exposição de determinados corpos no espaço. A partir do nosso recorte para a região Nordeste foi possível observar e constatar um processo constante, conciso e contínuo da violência nessa região, destacando-se em alguns anos como a mais violenta do país. Entre 2000 a 2018 a região acumulou um total de 1495 assassinatos motivados pela LGBTfobia, esse número representa 39% de todos os assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais brasileiros entre o período. Para alcançar o objetivo alvitrado, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: coleta e tratamento de dados, análise comparativa dos dados estatísticos organizados em mapas e gráficos, levantamento e leitura da bibliografia, trabalhos de campo exploratórios, produção e modelização cartográfica.*

**Palavras-chave:** LGBTI+; Diversidade Sexual; Crimes de ódio; Violência.

## **THE MATERIALIZATION OF HATRED IN MASSACRED BODIES: a geographical contribution of criminal practices against LGBTI+ in northeastern Brazil**

### **ABSTRACT**

*This article is the result of a collective effort and an ambition contained in the core of the socio-spatial and socioterritorial movements that fight for the freedom of their bodies and lives in Brazil today. To highlight the violence against the LGBTI+ population in northeastern Brazil is one of the main objectives of this work, we will do this from the statistical and cartographic treatment of two data: 1) violation of human rights (Dial 100) 2) HOMICIDES of LGBTI+ in Brazil (GGB). The intersections present in the hate crimes committed against the LGBTQI+ population is an important point of reflection and diagnosis, with, above all, a very close relationship with the place of murder, with the weapon used in the hate crime, with the profession performed by the victims. In a way, transvestites are victimized on public and prostitution territories, most often by firearms, evidencing an even greater process of marginalization and stigma. Therefore, the aspects of race, color, socioeconomic and sociocultural conditions form a set of elements that attenuate the exposure of*



*certain bodies in space. From our section to the Northeast region it was possible to observe and verify a constant, concise and continuous process of violence in this region, standing out in some years as the most violent in the country. Between 2000 and 2018 the region accumulated a total of 1495 murders motivated by LGBTfobia, this number represents 39% of all murders of lesbian, gay, bisexual, transvestite and Transsexual Brazilians between the period. To achieve the objective of the objective, the following methodological procedures were used: data collection and treatment, comparative analysis of statistical data organized in maps, survey and reading of the bibliography, exploratory fieldwork, production and cartographic modeling.*

**Keywords:** LGBTI+; Sexual Diversity; Hate crimes; Violence.

## **LA MATERIALIZACIÓN DEL ODIO EN LOS CUERPOS MASACREADOS: una contribución geográfica de las prácticas criminales contra LGBTI+ en el nordeste de Brasil**

### **RESUMEN**

*O resumo do artigo deve ser elaborado em língua espanhola (idioma secundário), Este artículo es el resultado de un esfuerzo colectivo y de una ambición contenida en el seno de movimientos socioespaciales y socioterritoriales que luchan por la libertad de sus cuerpos y vidas en el Brasil de hoy. Evidenciar la violencia contra la población LGBTI+ en el nordeste brasileño es uno de los principales objetivos de este trabajo, lo haremos a partir del tratamiento estadístico y cartográfico de dos datos: 1) violación de derechos humanos (Dial 100) 2) Homicidios de LGBTI+ en Brasil (GGB). Las interseccionalidades presentes en los delitos de odio cometidos contra la población LGBTI+ es un importante punto de reflexión y diagnóstico, teniendo, sobre todo, una relación muy estrecha con el lugar del asesinato, con el arma utilizada en el delito de odio, con la profesión que ejerce el víctimas. . En definitiva, los travestis son victimizados en la vía pública y en los territorios de prostitución, en la mayoría de los casos por medio de armas de fuego, evidenciando un proceso aún mayor de marginación y estigma. Por tanto, aspectos de raza, color, condiciones socioeconómicas y socioculturales forman un conjunto de elementos que atenúan la exposición de determinados cuerpos en el espacio. A partir de nuestro recorte a la región Nordeste, fue posible observar y constatar un proceso constante, conciso y continuo de violencia en esta región, destacándose en algunos años como la más violenta del país. Entre 2000 y 2018, la región acumuló un total de 1495 asesinatos motivados por LGBTfobia, esta cifra representa el 39% de todos los asesinatos de lesbianas, gays, bisexuales, travestis y transexuales en Brasil entre el período. Para alcanzar el objetivo propuesto, se utilizaron los siguientes procedimientos metodológicos: recolección y tratamiento de datos, análisis comparativo de datos estadísticos organizados en mapas y gráficos, levantamiento y lectura de la bibliografía, trabajo de campo exploratorio, producción cartográfica y modelado.*

**Palabras clave:** LGBTI+; Diversidad Sexual; Delitos de odio; Violencia.

### **INTRODUÇÃO**

A sensação de muitos militantes e ativistas LGBTI+<sup>1</sup> ecoa pelas ruas e avenidas das cidades por todo o mundo, a percepção é estranha e confusa, estranha porque no momento em que estamos, a luta pelas liberdades e pelas conquistas coletivas já deveriam ter sido alcançadas, confusa porque muito já foi conquistado, entretanto, dadas conquistas foram insuficientes para

---

<sup>1</sup> Para uma melhor compreensão do texto, adotamos a sigla LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e outras identidades de gênero e sexualidades não contempladas na atual sigla adotada, representadas pelo “+”), que designa um coletivo de sujeitos genericamente concentrados dentro da categoria maior “diversidade sexual”.



muitas e muitos darem o salto qualitativo necessário para a superação das opressões que são direcionadas aos seus corpos cotidianamente, nos mais diversos espaços, sob as plurais intencionalidades e intensidades. A violência se manifesta sob diferentes formas e o seu conteúdo é a LGBTIfobia.

Esse artigo é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Produção e disputa pelo espaço a partir do corpo: luta e formação do movimento LGBT de Presidente Prudente – SP” e também da construção da dissertação intitulada “AQUI SE RESPIRA LUTA, AQUI SE PINTA DIVERSIDADE: por uma leitura socioespacial e socioterritorial do Movimento LGBTQIA+ brasileiro”.

Destes projetos de pesquisa surgiram outras possibilidades e aliciações, ressaltamos alguns resultados que poderão de alguma forma auxiliar o leitor (caso queira) a entender um pouco melhor o nosso objeto de estudo e os envolvimento com a comunidade LGBTI+. Os resultados foram vários, dentre eles, vale ressaltar os trabalhos publicados e que realizam uma leitura da violência em escalas perceptíveis e imperceptíveis, tangíveis e intangíveis (SOUZA, 2017; SOUZA; FELICIANO, 2020).

Além da leitura sobre os crimes de ódio, ideia que desenvolveremos melhor nos próximos tópicos, também aplicamos um conceito que vem sendo desenvolvido por uma gama de pesquisadoras e pesquisadores do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA e na REDE DATALUTA, acerca dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais, como Pedon (2013), Pedon e Dalperio (2014), Fernandes (2005, 2012), Filho, Silva e Origuéla (2014), Halvorsen, Fernandes e Torres (2019) e Souza e Feliciano (2020) que realizam discussões geográficas acerca das lutas que acontecem no campo e na cidade e dentro dos próprios movimentos.

Assim, é importante ressaltar que não partimos do nada, temos um acúmulo considerável, seja dentro da universidade através da relação entre os grupos de pesquisas e entre os/as alunos/as e professores, seja fora dela a partir da composição ativa/pesquisa participante desenvolvida ao lado dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais que alvitram em suas ações a transformação da realidade.

Esse artigo é também uma denúncia e como tal tornaremos público através de diferentes ferramentas e representações os processos de violação e violência direcionados aos corpos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais ou qualquer outra orientação e identidade de gênero não expressa neste documento.



A violência contra essa população não fala baixinho, ela grita. O grito é incessante e perfura os tímpanos de todos nós que vivemos cotidianamente apreensivos e com o receio de sermos o próximo corpo agredido, violado e estendido em via pública vitimados pela LGBTIfobia. Para além da denúncia das violências e violações direcionadas aos corpos de LGBTI+, realizamos também uma leitura dos processos de violação, dos sujeitos mais violentados, bem como uma discussão acerca das interseccionalidades que aprofunda o nosso campo de visão ao incorporar nessa leitura um recorte racial, de classe, de cor, de etnia e sexualidade.

As questões que envolvem a sexualidade, foram historicamente tratadas de forma pusilânime, negando, portanto, uma das mais significativas esferas da vida dos sujeitos. Ao negarem o tema sexualidade, muitos foram cerceados de exercerem sua identidade e vida plena, pelo medo e anseio de adentrarem em temas que perpetram a sexualidade e serem, portanto, vilipendiados em um direito tão básico e necessário.

Para Aguião (2016), Benevides (2018) e Preciado (2017), a heterossexualidade e a cisnormatividade é imposta a homens e mulheres na tentativa de controlar os seus corpos e vidas resultando na violação de direitos básicos, tendo em vista que diferentes pessoas são impedidas de exercerem sua plena sexualidade e liberdade. As práticas espaciais desses sujeitos, nos revelam o medo contido a partir dessa imposição, assim, o “estabelecimento dessa mesma conduta social conta com o suporte de uma série de instituições e se traduz na perseguição e no combate à diversidade sexual e de gênero” (ASSUNÇÃO; 2018, p. 55).

A sexualidade, envolve como aponta Louro (2000, p. 90) “geração, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia “. Todas essas esferas em constante dialogo, relação e interação, moldam os sujeitos, construindo a partir de suas vivências e práticas espaciais diferentes formas de enxergar e apreender o mundo que lhes é apresentado.

As sexualidades tidas como “desviantes” e que rompem com um “CISistema”, baseado nas normas e “leis” da heteronormatividade, sofrem diferentes processos de exclusão, violência, marginalização e subjetivação que se acumulam em diferentes escalas, até mesmo na escala do corpo, representadas pelas marcas explícitas em diferentes sujeitos.

Para uma melhor compreensão e leitura, o presente artigo foi intencionalmente dividido em dois grandes tópicos. O primeiro tópico intitulado “Método científico e procedimentos metodológicos” traça o método utilizado para elaboração desse trabalho, bem como os procedimentos metodológicos adotados e necessários para alcançarmos aos resultados



apresentados. O segundo tópico intitulado “Abordagem geográfica para uma leitura espacial dos crimes de ódio e das violações contra LGBTI+ na região Nordeste” faz uma leitura da espacialização da(s) violência(s) direcionadas a essa população, bem como torna explícito o que os movimentos socioespaciais, militâncias e ativismos consideram por “crimes de ódio”.

## **MÉTODO CIENTÍFICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Pesquisar é um verbo transitivo e significa investigar, recolher elementos para um determinado estudo, investigar com a finalidade de conhecer e descobrir novos dados (AURÉLIO, 2020). Participar por sua vez é um verbo transitivo indireto e significa compartilhar, fazer parte, partilhar ou possuir parte, assim, ressaltamos o papel dessas duas palavras no presente artigo, pesquisar e partilhar, são dois verbos que fizeram e fazem parte de todas as nossas ações dentro e fora dos grupos de pesquisas, movimentos socioespaciais e socioterritoriais e da universidade.

Para pesquisar é necessário conhecer, ler, interpretar, relacionar e discutir, assim, criamos a possibilidade de construir novas leituras e avançar em temas pouco trabalhados na geografia brasileira e latino-americana. A leitura é o pontapé inicial para a construção de uma boa pesquisa e caminho científico, através dela aprendemos, apreendemos, refletimos e somos projetados para novos lugares, espaços e paisagens, através dela compreendemos que dentro da ciência podemos alcançar assuntos impenetráveis, atribuindo racionalidade, lógica e coesão no pensamento desenvolvido, ao mesmo tempo, valorizamos a escala do cotidiano, das vidas que perpassam os estudos elaborados a partir de todo esse rigor teórico, científico e metodológico. É um desafio construir algo além de palavras, esse é, portanto, o desafio traçado neste artigo.

O conhecimento científico se diferencia de outros tipos de conhecimento, pois a ele são atribuídos diferentes etapas e processos conhecidos e aferidos pelo seu rigor metodológico, pela sua verificabilidade e pela racionalidade que a ele é empregada. Entretanto, é importante ressaltar que não falamos de uma hierarquização dos conhecimentos, posicionando o conhecimento científico acima de outras formas de conhecer e apreender a realidade, ao mesmo tempo, devemos compreender que são formas distintas de olhar para o objeto, de descrevê-lo e de compreendê-lo inserido no sistema.

Todas as representações científicas são dotadas de métodos científicos, no entanto, a utilização dos mesmos não se dá única e exclusivamente nas ciências, o método pode ser utilizado para outros fins que não sejam científicos, dessa forma o “método é o conjunto das



atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança permite alcançar o objetivo, atingindo conhecimentos válidos e verdadeiros (LAKATOS; MARCONI, 2000, p. 82).

A investigação científica nasce de algum problema que acaba por despertar interesse de investigação e averiguação por parte do pesquisador, se tratando das ciências sociais esse processo é ainda mais complexo e dialético, visto que são incluídos nesse jogo elementos dinâmicos, históricos e, em alguns momentos elementos subjetivos.

O objetivo das ciências sociais como aponta Richardson (1999) é o desenvolvimento dos seres humanos, dessa forma as ciências sociais cumprem e detêm um papel primoroso de construção de um saber tão complexo, que em seu primeiro momento está contido na aquisição do conhecimento. No entanto, seu impacto é mais profundo na medida que o pesquisador avança nas discussões teóricas e conceituais, aplicando-as na realidade.

O método científico está diretamente ligado a ciência, podemos até dizer que um não existiria sem o outro, logo o conceito de ciência está ligado ao conceito de método científico, ao mesmo tempo, dentro do caminho de construção do saber científico nos deparamos com alguns equívocos que acabam posicionando método e metodologia no mesmo balaio conceitual, quando na realidade são coisas diferentes.

As ciências sociais de certa forma regrediram quando se adaptou a uma visão unidimensional da realidade a partir da influência do positivismo da escola norte-americana, que possuía uma visão e espírito centrada no funcionalismo, na ordem que leva ao progresso, na suposta neutralidade do pesquisador, entre outros elementos que levaram às ciências sociais a interpretar e a ler a realidade que nos cerca. No entanto, é a partir da segunda metade dos anos 60 que ocorrem mudanças significativas no campo das ciências sociais e o espírito crítico e reflexivo passa a ser incorporado por uma gama de pesquisadores ancorados por essa nova visão.

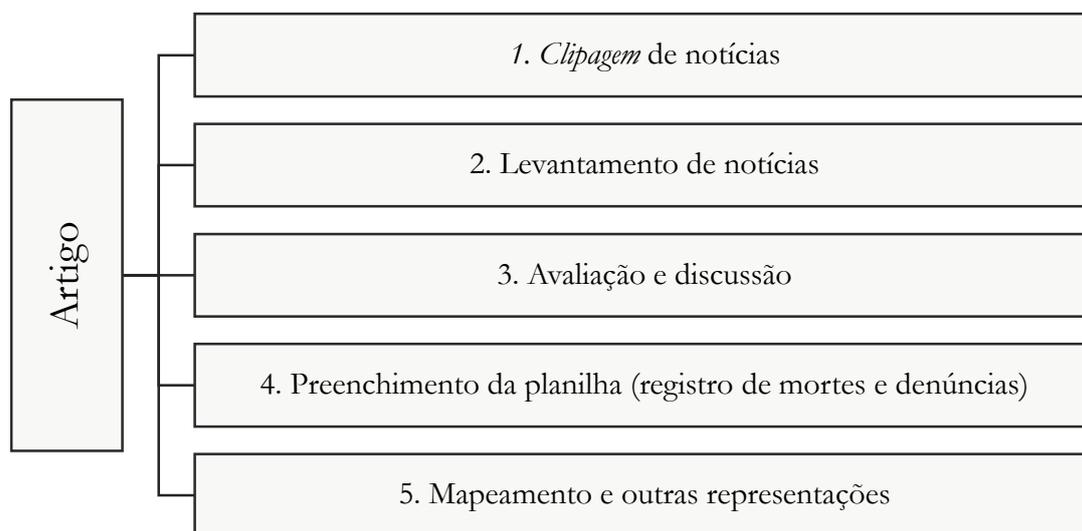
O materialismo histórico é concebido por Richardson (1999) como uma ideologia e ciência do marxismo que se opõe de forma clara ao positivismo e ao estruturalismo, os principais motivos dessa oposição está contido na compreensão e no olhar que esse método tem em relação a interpretação da natureza: ao olhar pela janela da ciência o materialismo histórico vislumbra a realidade e a partir da constatação do material aproxima-se do método e do estudo através da dialética.

A dialética está diretamente associada ao processo dialógico e construção dos contrários, caminha no sentido de refutar um processo ou interação a partir da redução do

mesmo tornando-o verdadeiro ou falso, é o processo de desnudação do fenômeno, é retirado todo véu que esconde ou que nega a essência em si mesma e o elemento que antes estava escondido, é colocado à prova evidenciando seus reais processos e contradições.

Assim, buscamos construir a pesquisa dentro do rigor necessário para comprovar a seriedade e a verdade contida nas linhas aqui apresentadas, dessa forma, alinhamos os procedimentos metodológicos que nos trouxeram até aqui com o método entendido por nós como dialético. Utilizamos como procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, criação do banco de dados da violência LGBTfóbica e das Paradas LGBTI+ e o mapeamento dos crimes de ódio (relatório “Quem a homotransfobia matou hoje?”) e violação dos direitos humanos (Disque 100) da região Nordeste.

**Infográfico 1** – Procedimentos metodológicos



Fonte: o autor; 2022.

O infográfico 1, exemplifica e sintetiza os procedimentos e as etapas metodológicas adotadas para a construção deste artigo. De forma geral, são cinco etapas percorridas e que possibilitam a finalização do presente material, são elas: 1. *Clipagem* de notícias 2. Levantamento de notícias 3. Avaliação e discussão 4. Preenchimento da planilha 5. Mapeamento e outras representações.

A *clipagem* de notícias corresponde inicialmente ao cadastramento de algumas palavras-chaves selecionadas intencionalmente após discussões e debates entre os propositores do relatório “Quem a Homotransfobia matou hoje?” elaborado pelo Grupo Gay da Bahia (2021).



A *clipagem*, de forma geral, é o recorte de todas as informações que saem e circulam na mídia sobre determinada palavra-chave cadastrada no *Google Alerts*.

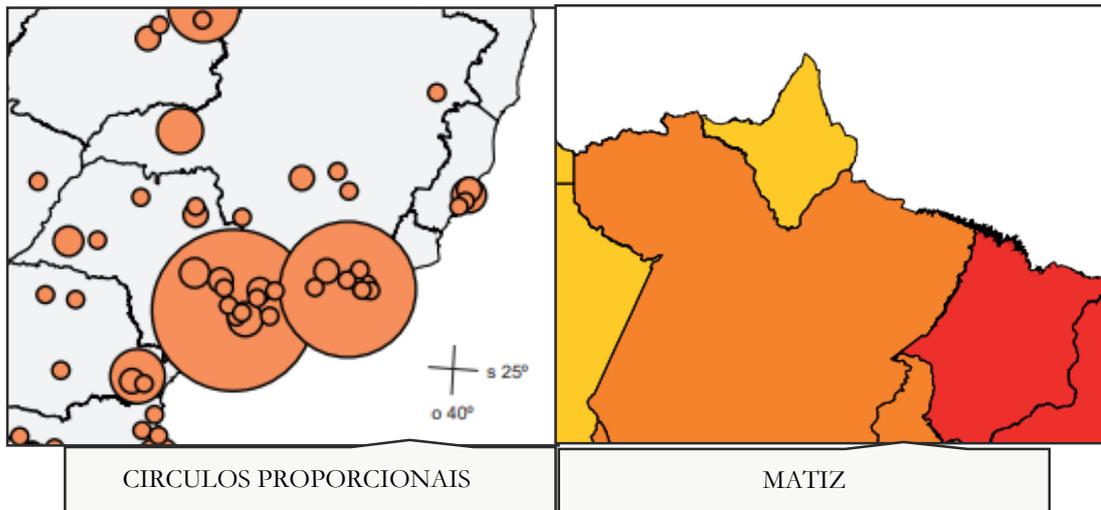
Inicialmente, é cabível informar sobre a natureza da coleta dos dados, os instrumentos utilizados, a periodicidade, para então compreender a busca diária no *Google*, com utilização de palavras chaves revistas constantemente, para assegurar a possibilidade de o buscador conseguir selecionar matérias com casos de violência e mortes de LGBTI+.

Assim, sempre começamos com os seguintes vocábulos: travesti, homossexual, gay, lésbica, transexual, bissexual, entretanto, o resultado tende a apontar matérias diversas, mesmo assim, é importante considerar o fato do *Google* ter sinalizado a data de publicação da matéria, com isso obteve uma maior facilidade para ir direto as informações do ano em curso e, por outro lado, a leitura das manchetes também ofereceram uma importante pista quanto as categorias a serem utilizadas, em vez das palavras indicativas a orientação sexual, logo optou-se por trabalhar com “encontrado morto”, “professor morto”, “travesti morta”, entre outras palavras-chaves cadastradas na plataforma.

Diariamente recebemos do *Google* relatórios com o recorte das notícias provenientes de diferentes fontes, desde as grandes empresas e corporações até as mídias alternativas que circulam em escala regional e local, estes relatórios são construídos a partir do cadastramento das palavras-chaves já mencionadas. Assim, realizamos a leitura diária dos relatórios e, conseqüentemente, levantamos notícias que possivelmente tratam de homicídios ou suicídios de pessoas LGBTI+ brasileiras. As notícias são salvas no formato *Portable Document Format (PDF)* em pastas organizadas de 1 a 12 (indicando o mês do homicídio ou suicídio). Após o levantamento das notícias, realizamos a discussão, avaliação e pesquisa para identificar se de fato a notícia traz a informação de uma morte motivada pela LGBTfobia.

Se a notícia levantada, lida e avaliada, de fato representar a morte de uma pessoa LGBTI+ fazemos o registro numa planilha no formato *Excel*. É a partir desse momento que realizamos a desconstrução da notícia, isto é, retiramos todas as informações possíveis, além de investigar a existência de outras informações complementares.

Por fim, realizamos o mapeamento dos dados relacionados a mortes de LGBTI+ no Brasil, assim, os dados foram trabalhados a partir de duas formas de representação: dados absolutos e dados relativos. Os dados absolutos foram representados a partir dos círculos proporcionais e os dados relativos a partir da matriz.

**Figura 1 – Representação dos dados absolutos e relativos**

Fonte: Os autores, 2021.

Os dados absolutos correspondem aqueles dados inteiros, como exemplo podemos tomar a cidade de São Paulo que registrou 25 crimes de ódio em 2020, 25 crimes é o dado absoluto e que foi representado através dos círculos proporcionais. Os dados relativos correspondem aqueles representados pela matiz e que foram transformados a partir da relação com um outro dado/informação, a fórmula para alcançar a taxa por 1 milhão de habitantes:  $\text{HOMICÍDIOS/POPULAÇÃO DO TERRITÓRIO} \times 1 \text{ MILHÃO HABITANTES} = \text{Taxa por 1 milhão de habitantes}$ .

Recorremos a cartografia como objetivo, tendo em vista a potencialidade do mapa para análise espacial e como procedimento metodológico, utilizamos o Philcarto© como um dos softwares de mapeamento, permitindo técnicas de exploração de dados a partir da visualização cartográfica. Feito o mapeamento no Philcarto©, posteriormente realizamos a diagramação final dos mapas no Adobe Illustrator©.

## **ABORDAGEM GEOGRÁFICA PARA UMA LEITURA ESPACIAL DOS CRIMES DE ÓDIO E DAS VIOLAÇÕES CONTRA A POPULAÇÃO LGBTI+ NA REGIÃO NORDESTE**

A sexualidade não é um resultado meramente biológico, mas é construída a partir das relações e interações sociais que se dão cotidianamente, as sexualidades tidas como “desviantes” são colocadas à margem e categorizadas como pecado, como crime e até em alguns momentos como doença. Existe, assim, um projeto de masculinidade e feminilidade, um projeto vigente que encerra e limita violentamente outras maneiras de se viver a sexualidade,



como bem expressa Assunção (2018), as relações de poder influenciam na sociabilidade humana e constroem um modelo hegemônico, a heterossexualidade como uma norma, a heteronormatividade.

Foucault (1988) demonstra que no Ocidente se formou uma ciência sexual que produz discursos de verdade sobre a sexualidade. Desta maneira, debater sexualidade e temas correlatos nos ajuda a entender a formação dos movimentos que lutam pela diversidade sexual e de gênero em diferentes escalas. Foucault (2001) compreende a sexualidade enquanto uma “tecnologia de poder”, o discurso em torno da sexualidade passa a exercer um poder sobrepujante e posicionar a heterossexualidade como padrão de normalidade, essa reflexão se inicia quando o autor ministra o curso *Os anormais* no Collège de France em 1974 e 1975, naquele momento Foucault (2001) construiu uma nova proposta por meio da abordagem da medicalização tratando inicialmente da sexualidade enquanto dispositivo e representação. Há uma opressão do sexo e de práticas consideradas desviantes da norma por discursos que estabelecem relações de poder/saber (normatividade científica).

Reforço, portanto, esse processo em que homens e mulheres são construídos socialmente a partir das imposições diretas e indiretas, explícitas ou implícitas, manifestadas no seu cotidiano, podemos destacar a divisão sexual do trabalho como um dos elementos marcantes de dada imposição, já que ela passa a diferenciar e atribuir atividades específicas para homens e mulheres, imposição construída a partir de valorações e parâmetros sociais. Dessa forma, a sexualidade humana passa a ser construída socialmente.

A divisão sexual do trabalho é elencada por Assunção (2018) como o estágio mais primitivo das relações sociais e tem sua divisão a partir de suas bases materiais, no entanto, no desabrochar do processo histórico foi ganhando e adquirindo características essenciais para a construção do que temos hoje em torno dos papéis de sexo e gênero, ambos socialmente produzidos. Logo, “os desdobramentos da divisão social do trabalho, a partir de sua divisão sexual, originaram, portanto, a diferenciação essencialista entre os sexos” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 59).

Devemos encarar o heterossexismo e a heteronormatividade como imposições que naturalizam e torna obrigatório a sexualidade vivida a partir dos seus ditames, tudo que foge do padrão e da norma é violentado ou violado a partir de diferentes níveis. A violência já começa na consciência desses sujeitos que passam a exercer a dualidade entre macho e fêmea, impondo parâmetros de comportamento e vida.



O fundamentalismo religioso tem ganhado corpo e, de certa forma, visibilidade atingindo em cheio temas como a diversidade sexual e de gênero no Brasil a partir do acirramento dessas temáticas, colocando em risco os avanços significativos que foram resultados de décadas de luta. Nesse mesmo contexto, a violência direcionada a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais reforça ainda mais o contexto marcado pela imposição de uma norma sexual e de gênero.

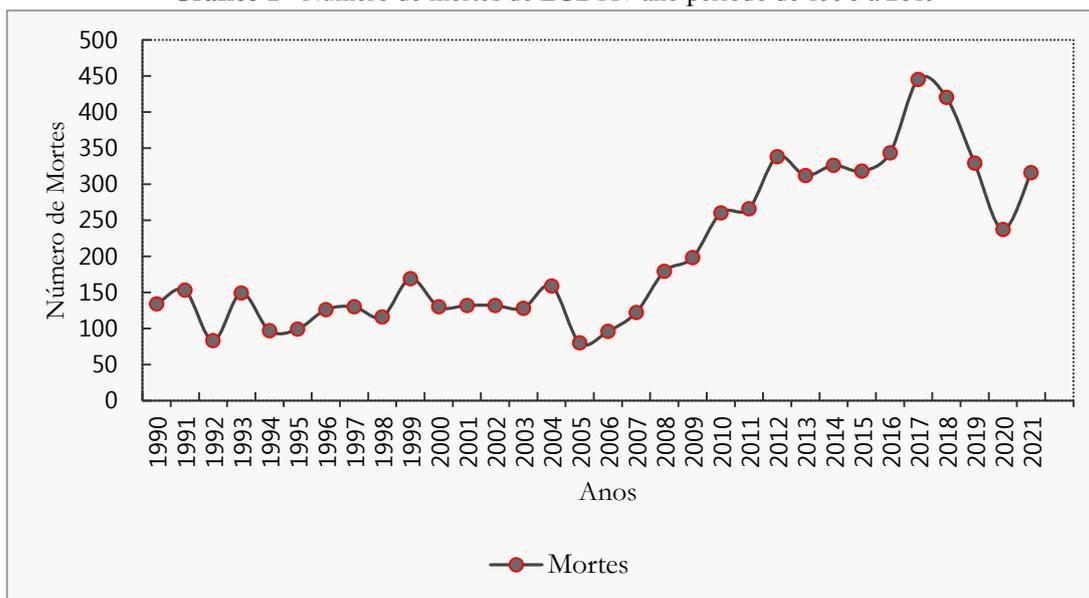
Essa política de Estado dotada de elementos contraditórios e conflitivos em torno dos temas da diversidade sexual se apresenta como um dispositivo de controle e de poder sobre os corpos e as sexualidades. Dessa forma, os movimentos conservadores constroem uma narrativa completamente equivocada em torno da diversidade e “colocam o corpo e a sexualidade em cena de modo extremamente conservador, combatendo todas as interpretações sociológicas, antropológicas e filosóficas do corpo” (CESAR; DUARTE, 2017, p. 144).

Os temas referentes ao gênero, a sexualidade, bem como a diversidade sexual estão no centro de um debate que parece infindável: de um lado avançam as discussões em torno da multiplicidade de sujeitos e maneiras de vivenciar e viver suas sexualidades, do outro lado se observa um retrocesso e uma tentativa de (re)naturalizar o corpo, sexo e o desejo, o cenário está montado e o principal enfrentamento se dá sobre temas polêmicos e que inflam opiniões como a ideologia de gênero.

É inegável a existência da violência contra a população LGBTI+ brasileira. Ao mesmo tempo, destacamos que essa violência não é qualquer violência, é uma violência que mata, fere e brutaliza esses corpos, expondo-os ao ridículo e a extremos processos de exclusão, assim é denominada de crimes de ódio.



**Gráfico 1** - Número de mortes de LGBTI+ ano período de 1990 a 2019



**Fonte:** Grupo Gay da Bahia; Observatório de Mortes LGBTI+, 2022.

**Org:** O autor, 2022.

O gráfico 1, concentra o número de assassinatos de LGBTI+ de 1990 a 2022 no Brasil. No primeiro momento torna-se explícito um processo de crescimento no número de crimes. No ano de 1990, foram mortos no Brasil 164 LGBTI+, vinte anos depois, em 2010 foram mortos 260 LGBTI+, um aumento de aproximadamente 63% no número de crimes. No entanto, o maior número de assassinatos registrado foi no ano de 2017, documentadas 445 mortes de LGBTI+ no Brasil.

A descrição das mortes identificadas como crimes de ódio traz à tona uma intencionalidade contida na luta e reivindicação de ativistas e militantes do movimento LGBTI+ brasileiro. Como ressalta Filho (2016), essa explicitação das violências, isto é, o ato de tornar as mortes visíveis faz parte do conjunto de estratégias utilizadas para denunciar os crimes bárbaros cometidos diariamente contra essa população.



**Tabela 1** – Número de Assassinatos de LGBTI+ período de 2000 a 2018 – Regiões Brasileiras

Região/UF	Assassinatos (valor absoluto)	%	Assassinatos (valor relativo)
NORTE	450	11,75%	28,48
NORDESTE	1495	39%	28,16
CENTRO-OESTE	435	11,35%	27,03
SUDESTE	1116	29%	13,88
SUL	336	8,9%	14,37
<b>BRASIL</b>	<b>3832</b>	<b>100%</b>	<b>20,29</b>

**Fonte:** Grupo Gay da Bahia, 2021.

**Org:** Os autores, 2021.

Para além de uma leitura histórica e periódica da violência, é importante expormos o quadro da brutalização dos corpos LGBTI+ e da violência na escala Brasil, assim, partimos das informações contidas no gráfico 1 acerca do volume de assassinatos entre 1990 e 2018 e caminhamos para a tabela 1 que expõe o quadro da violência no Brasil a partir das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

A partir da exposição dos números absolutos de mortos vitimados pela LGBTIfobia é possível evidenciar que entre os anos de 2000 a 2018<sup>2</sup> a região Nordeste liderou o ranking da morte com 1495 (39%) assassinatos, seguido da região Sudeste com 1116 (29%) assassinatos, região Norte com 450 (11,75%) assassinatos, Centro-Oeste com 435 (11,35%) assassinatos e, por fim, Sul com 336 (8,9%) assassinatos.

No entanto, quando comparamos os mesmos dados com o total da população regional, isto é, em números proporcionais ou número de crimes para cada 1 milhão de habitantes, é possível evidenciar que a região Norte se apresentou como a mais violenta com 28,48 assassinatos para cada um milhão de habitantes, seguido da região Nordeste com 28,16 assassinatos para cada um milhão de habitantes, Centro-Oeste com 27,03 assassinatos para cada milhão, Sul com 14,37 assassinatos para cada milhão e, por fim, a região Sudeste com 13,88 crimes para cada um milhão de habitantes.

Como expresso por Filho (2016), a utilização dos relatórios, dossiês e documentos de forma geral, servem para evidenciar os crimes de ódio direcionados a população LGBTI+, se configura como um agente/ator político na trama desempenhada pelas disputas de poderes,

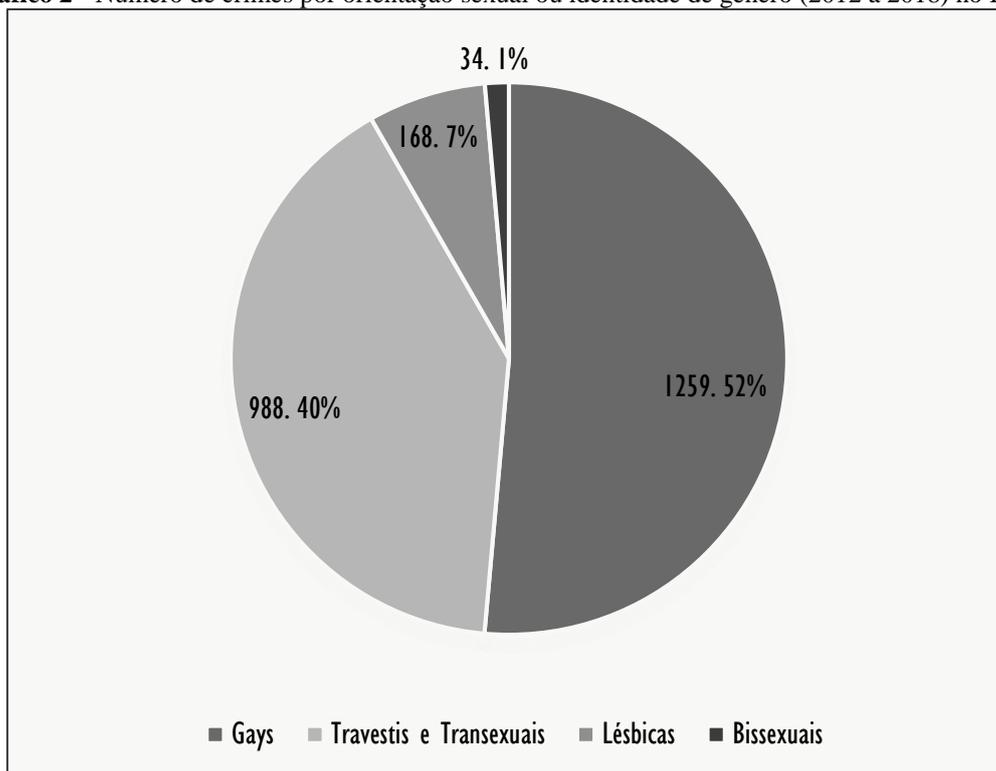
<sup>2</sup> Com exceção dos anos de 2003, 2006 e 2007 nos quais não obtemos informações acerca da violência a partir da escala regional.



narrativas e espaço. Dessa forma, o conjunto de violências materializados nos documentos, juntamente com o expressivo número de vítimas da LGBTIfobia, além de evidenciar um processo de marginalização tão evidente, como também de legitimar o discurso cada vez mais indissociável, de que o Estado precisa assumir as esferas que permeiam e estão circunscritas nos contextos destes crimes.

Assim, expressões derivadas da palavra “homofobia” são reivindicadas para adjetivar gestos de agressão e discriminação contra homossexuais. De regra, as imagens de brutalidade, como as anteriormente descritas, aparecem em composição com a utilização desses adjetivos: elas os qualificam, garantem o seu preenchimento semântico. A injustificável quantidade de facadas – ou o seu lugar geográfico no corpo da vítima: o ânus – diferencia os “crimes de ódio” dos crimes comuns, e mesmo dos passionais. (FILHO, 2016, p. 314)

Historicamente, não é somente o movimento LGBTI+ que tem se utilizado de relatórios, dossiês, documentos e, principalmente, de denúncias, para reivindicar a vida de seus mortos, outros movimentos utilizam-se estrategicamente dessa mesma narrativa para assegurar que o problema fora motivado pelo ódio materializado na aversão à sexualidade, à política, à ideologia, em suma, aos direitos humanos. Além de discutirmos o aspecto histórico e a progressão da violência (gráfico 1), devemos identificar quais são os sujeitos mais violados nesse processo (gráfico 2).

**Gráfico 2** - Número de crimes por orientação sexual ou identidade de gênero (2012 a 2018) no Brasil

**Fonte:** Grupo Gay da Bahia, 2020.

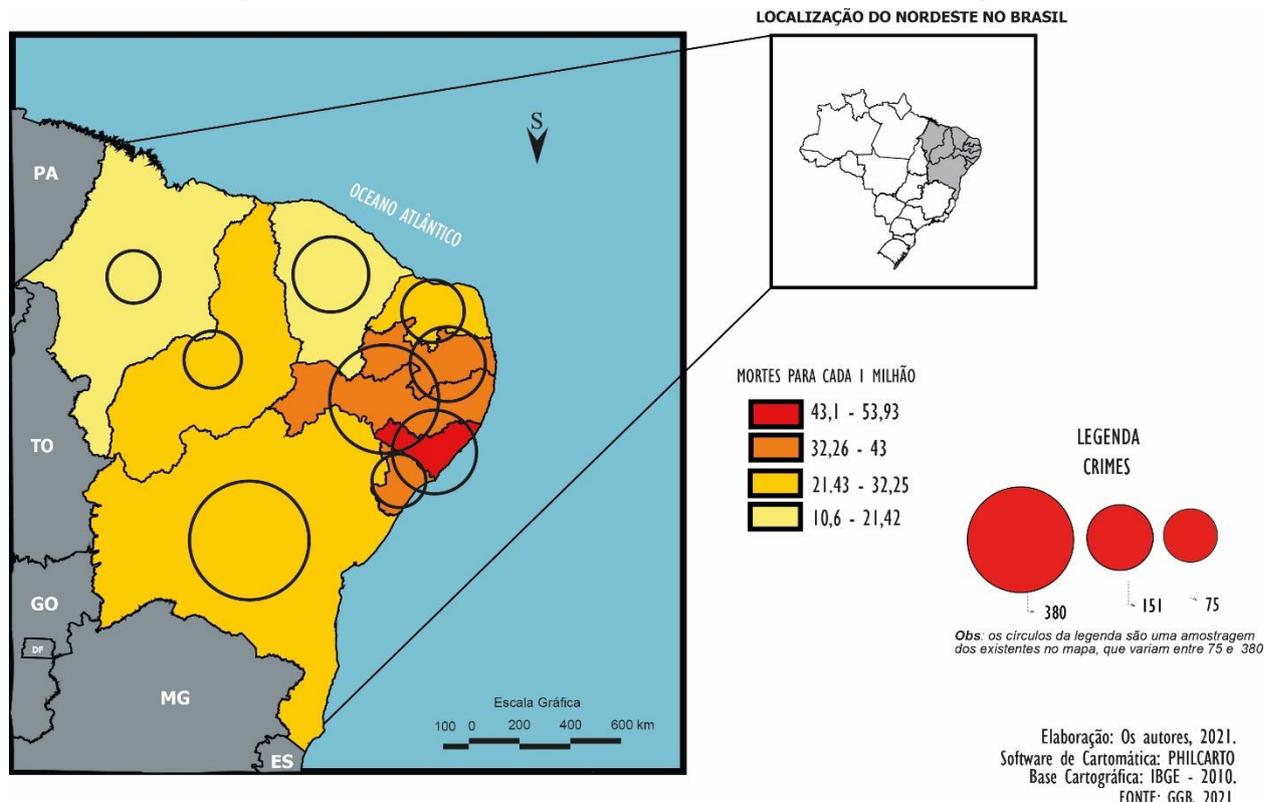
**Org:** Os autores, 2020.

A partir do gráfico 2 é possível observar que através de um olhar específico para a identidade de gênero e orientação sexual é verificável que homens gays e a população de travestis, transexuais e transgêneros são os mais violados no que diz respeito ao número de crimes de ódio, isto é, crimes motivados pelo ódio e pelo preconceito. Juntos, somam 2247 crimes de ódio que representam 92% do total de crimes cometidos entre 2012 a 2018, segundo os dados do Grupo Gay da Bahia.

A materialidade dos crimes de ódio, são palpáveis, possuem rosto, corpo, espaço, número de golpes ou inexplicável número de golpes. Como exposto pelo Grupo Gay da Bahia, as vítimas que mais morrem em vias públicas são identificadas como travestis e grande maioria desempenham a atividade de profissional do sexo. Existe uma relação direta entre os crimes de ódio e o espaço, isto é, onde os crimes acontecem. Além dessa leitura, é possível identificar as diferenças sociais e de raça nos relatórios divulgados pelo Grupo Gay da Bahia. Após uma leitura geral do número de crimes de ódio, traremos para o debate a escala regional, especificamente, a região Nordeste através da espacialização dos crimes de ódio (2000 a 2018).



Mapa 1 – Síntese dos crimes de ódio entre os anos de 2000 e 2018 na região Nordeste



Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2022.

Org: O autor, 2022.

O mapa 1 “Síntese dos crimes de ódio entre 2000 e 2018 na região Nordeste” representa duas informações relevantes acerca da espacialização da violência na região Nordeste. A primeira informação é o número absoluto de assassinatos a partir da série histórica de 2000 a 2018, portanto, esse dado nos revela o número total de mortos por Estado. A segunda informação nos aproxima de uma forma mais direta à realidade, já que é relativa ao número de mortos para cada um milhão de habitantes.

Em relação aos dados absolutos, a Bahia se destaca como o Estado mais violento com 380 crimes, seguido de Pernambuco com 317 crimes, Alagoas com 189 crimes, Ceará com 153 crimes, Paraíba com 151 crimes, Rio Grande do Norte com 105 crimes, Piauí com 88 crimes, Sergipe com 77 crimes e, por fim, o Maranhão com 75 crimes.

No entanto, em relação aos dados relativos, isto é, o número de crimes proporcional ao número de habitantes de cada Estado, temos uma outra configuração. O Estado do Alagoas se destaca como o mais violento com 53,93 crimes para cada um milhão de habitantes, seguido da Paraíba com 37,53; Sergipe com 33,49; Pernambuco com 33,16; Rio Grande do Norte com



29,94; Piauí com 26,88; Bahia com 25,54; Ceará com 16,75 e, por fim, o Maranhão com 10,6 crimes para cada um milhão de habitantes.

Além do intenso processo de violação que LGBTI+ sofrem cotidianamente, existem ainda outras informações relevantes que nos traz uma realidade ainda mais cruel e que fomenta as desigualdades existentes no campo da diversidade sexual e de gênero no Brasil. Como expressa o relatório produzido pelo Grupo Gay da Bahia (2017) em menos de ¼ dos crimes cometidos o criminoso foi identificado e menos de 10% das ocorrências terminaram em abertura de processos e punição dos assassinos, assim, a impunidade estimula novos ataques e agressões e viola os direitos individuais de LGBTI+.

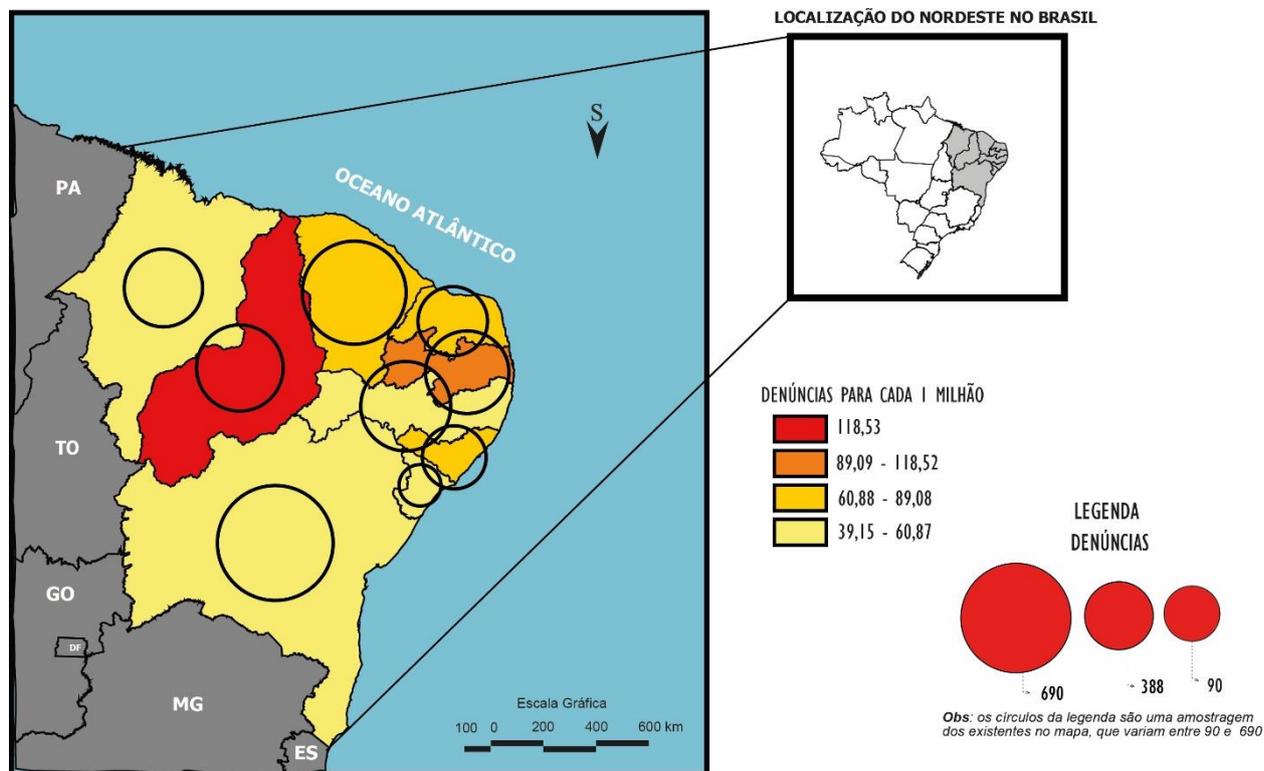
Além da impunidade presente nesse campo marcado pela violência, existem alguns críticos que contestam a especificidade ou a tipologia dos crimes identificados pelos militantes e ativistas do Movimento LGBTI+ como crimes de ódio dizendo que a maioria dos crimes foram motivados por companheiros das vítimas, desconstruindo um cenário em que a motivação principal do crime foi a LGBTifobia e construindo uma nova narrativa em torno de crimes passionais. Entretanto, esse discurso é verificável e comprovadamente falível já que como aponta o Relatório do Grupo Gay da Bahia (2017), apenas 4% dos criminosos eram companheiros ou ex-companheiros das vítimas.

Faremos também uma leitura em torno dos dados produzidos pelo Ministério dos Direitos Humanos contidos no “Disque 100” entre os anos de 2011 e 2017, ferramenta importante na garantia dos direitos humanos, bem como na possibilidade de denunciar violações a “minorias” e outros segmentos da sociedade civil. O “Disque 100”, é uma ferramenta disponibilizada pelo Ministério dos Direitos Humanos, que garante a todo e qualquer cidadão, a seguridade dos seus direitos presentes na declaração universal dos Direitos Humanos. Ele funciona 24 horas por dia, incluindo sábados, domingos e feriados. As ligações podem ser feitas de todo o Brasil por meio de discagem gratuita de qualquer terminal telefônico seja fixa ou móvel, basta discar 100.

O Disque 100 atende aos seguintes grupos ou temas: crianças e adolescentes, pessoas idosas, pessoas com deficiência, pessoas em restrição de liberdade, **população LGBT**, população em situação de rua, discriminação étnica ou racial, tráfico de pessoas, trabalho escravo, terra e conflitos agrários, moradia e conflitos urbanos, violência contra ciganos, quilombolas, indígenas e outras comunidades tradicionais, violência policial, violência contra comunicadores e jornalistas, violência contra migrantes e refugiados.



Mapa 2 – Síntese das denúncias entre os anos de 2011 e 2017



Elaboração: Os autores, 2021.  
Software de Cartomática: PHILCARTO  
Base Cartográfica: IBGE - 2010.

FONTE: MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2021.

Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2022.

Org: O autor, 2022.

O número das denúncias relacionadas aos processos de violação contra a população LGBTI+ em seus dados absolutos teve o estado da Bahia ocupando a primeira colocação com 690 denúncias, seguido do Ceará com 556, Pernambuco com 419, Piauí com 388 denúncias, Paraíba com 358, Maranhão com 316, Rio Grande do Norte com 250, Alagoas com 209 e, por fim, Sergipe com 90 denúncias.

No entanto, quando analisamos o número de denúncias para cada 1 milhão habitantes, temos uma outra configuração e uma outra leitura do mapa, representando os Estados mais perigosos e violentos. Relacionado ao número de denúncias para cada 1 milhão habitantes tem-se o Estado do Piauí com 118,53 denúncias para cada um milhão de habitantes, seguido da Paraíba com 89,09 denúncias, Rio Grande do Norte com 71,28 denúncias, Alagoas com 62,62 denúncias, Ceará com 60,88 denúncias, Bahia com 46,39 denúncias, Maranhão com 44,66, Pernambuco 43,84 e, por fim, Sergipe com 39,15 denúncias para cada um milhão de habitantes.



Vale introduzir nesse contexto os locais onde as violações aconteceram, assim 3347 violações (28,71%) aconteceram na rua, 2784 violações (23,88%) na casa da vítima, 2543 violações (21,81%) aconteceram na categoria “outros” demonstrando a fragilidade existente na coleta dos dados, 883 violações (7,57%) aconteceram na casa do suspeito, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do artigo e dos resultados alcançados, podemos compreender o corpo LGBTI+ como um importante componente do espaço geográfico, que numa apresentação carregada de símbolos e significados, modifica e é modificado pelas relações espaciais desempenhadas por dinâmicas e práticas espaciais corporificadas e generificadas.

As experiências espaciais desempenhadas por corpos contra-heteronormativos são permeadas pela violência indireta (violações simbólicas) e direta (violação dos direitos humanos), que pune e fere a integridade daquele corpo. No entanto, é necessário identificar de que corpo está se falando. Os símbolos presentes nos mais variados corpos são lidos genericamente pela sociedade de duas maneiras, como símbolos masculinos e femininos. Assim, aqueles corpos que fogem do padrão cis-heteronormativo, são potenciais vítimas do preconceito pois não se passam (*passibilidade*) pelo gênero que dizem ter.

A partir do nosso recorte para a região Nordeste foi possível observar e constatar um processo constante e contínuo da violência nessa região, destacando-se em alguns anos como a mais violenta do país. Entre 2000 a 2018 a região acumulou um total de 1495 assassinatos motivados pela LGBTIfobia, esse número representa 39% de todos os assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais brasileiros entre o período.

O Nordeste também se destaca nos números relativos, isto é, assassinatos para cada um milhão de habitantes. Assim, nessa categoria se coloca como a segunda região mais violenta apresentando um número de 28,16 assassinatos para cada um milhão de habitantes, ficando atrás apenas da região Norte que concentra 28,48 assassinatos para cada milhão. Além da região estar posicionada na segunda colocação do ranking da morte, também apresenta um número relativo superior à média brasileira (20,29 assassinatos para cada milhão).

Se falamos de violência e violação, falamos também de um movimento que cerceia a liberdade desses sujeitos e os coloca em uma posição de subalternidade e vulnerabilidade socioespacial, ainda que haja resistência, ainda que esses corpos e vidas falem ou gritem, é necessário um tratamento e cuidado que parta das instituições e que promovam a construção de



possibilidades de mudança. É evidente, portanto, que o corpo possui uma característica intrinsecamente biológica, no entanto, ressaltamos que este mesmo corpo é capaz de se transformar ou ser transformado por processos históricos e geográficos, materiais e imateriais, dotados de escala, de relação, de composicionalidade, elementos presentes na totalidade do espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

ACETTA, Marcelo Furst de Freitas. **GÊNERO, SEXUALIDADE E PRÁTICAS DISCURSIVAS: ESCOLA, POLÍTICAS PÚBLICAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**. 2016. 96f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AMARAL, Julião Gonçalves. **LUTAS POR RECONHECIMENTO E HETERONORMATIVIDADE NAS UNIVERSIDADES**, um estudo sobre os coletivos Universitários de Diversidade Sexual do Brasil. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ASSUNÇÃO, I. Heterossexismo, patriarcado e diversidade sexual. In: NOGUEIRA, L. et al (Org.) **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 55-85.

AGUIAO, Silvia. “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”. **Cad. Pagu[online]**. 2016, n.46, pp.279-310

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

BENEVIDES, Bruna G.; LEE, Débora. Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 252-255, 2018. ISSN 21772886.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

CESAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 66, p. 141-155, Dec. 2017.

COLETTI, Luiz Henrique. **O movimento LGBT e a mídia: tensões, interações e estratégias no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, 278p.



DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado de Pesquisar**. 2020 Disponível em <<https://www.dicio.com.br/pesquisar/>>. Acesso em: 27 mai. 2020

FACCHINI, R. RODRIGUES, J. É preciso estar atenta (o) e forte: histórico do movimento LGBT e conjuntura atual. In. **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 231-262

FERNANDES, B. M. Movimentos Socioterritoriais e Movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Ed. Especial. São Paulo: **Revista NERA**, 2012. p. 07-17.

FERNANDES, B.M. Peasant Movements in Latin America. Oxford **Research Encyclopedia of Politics**. 2020

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. En: **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FILHO, J. S; SILVA, H. M. da; ORIGUÉLA, C. F. Ocupações de terra no Brasil, São Paulo e Pontal do Paranapanema (1988-2011). **Dataluta: questão agrária e coletivo de pensamento**. São Paulo: Outras expressões, 2014. 69-100.

FILHO, R. E. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cad. Pagu [online]**. 2016, n.46, pp.311-340.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, Lucas. **A máquina da cidadania: uma etnografia sobre a requalificação civil das pessoas transexuais**. 2015. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Grupo Gay da Bahia. **Relatórios da violência Homotransfóbica no Brasil**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>

HALVORSEN, S. FERNANDES, B. M. TORRES, D. ‘Mobilising Territory: Socioterritorial movements in comparative perspective’, **Annals of the American Association of Geographers**. 2019. p. 1454–1470.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2000, p. 7-34.

PEDON, N. R. **Geografia e movimentos sociais: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.



PEDON, N. R; DALPÉRIO, L. C. A contribuição da abordagem socioterritorial à pesquisa geográfica sobre os movimentos sociais. **Dataluta**: questão agrária e coletivo de pensamento. São Paulo: Outras expressões, 2014. 39-68.

PRECIADO, P. Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; FELICIANO, C. A. Que movimento é esse: uma leitura histórica e socioespacial do movimento LGBT de Presidente Prudente/SP. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - 60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios - v. 08, n. 15, p. 136-165, dez/2019. DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6990"

SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; FELICIANO, Carlos Alberto. Mapeamento dos crimes de ódio contra LGBTs: uma leitura socioespacial da violência entre os anos de 2017 e 2018. **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)** - Dossiê "Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade" - v. 1, n. 16, p. 121-140, mar, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7283

SOUZA, W. V. F. Movimento LGBT ocupando e transformando os espaços. **GEOGRAFIA EM ATOS (ONLINE)**, v. 1, p. 15, 2017.

## HISTÓRICO

**Submetido**: 12 de janeiro de 2022.

**Aprovado**: 13 de fevereiro de 2022.

**Publicado**: 15 de março de 2022.

## DADOS DO(S) AUTOR(ES)

### Wilians Ventura Ferreira Souza

Graduado em Geografia (licenciatura) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Presidente Prudente/SP. Atualmente, é mestrando em Geografia pela mesma instituição, pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA), pesquisador da Rede DATALUTA –Espaço Urbano e colaborador do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil

**ORCID**: <https://orcid.org/0000-0002-6166-0059>

**Lattes**: <http://lattes.cnpq.br/0660479876583584>

**E-mail**: [wilians.ventura@unesp.br](mailto:wilians.ventura@unesp.br)

## COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

SOUZA, W. V. F. A MATERIALIZAÇÃO DO ÓDIO EM CORPOS MASSACRADOS: uma contribuição geográfica das práticas criminosas contra LGBTI+ no nordeste brasileiro. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 11, n. 20, e202202, 2022.